

# **CAMINHOS PARA O CUIDADO: O ENVELHECIMENTO LGBTQIA+ NA CONSTRUÇÃO DE UMA APS MAIS INCLUSIVA**

Fontes, Mirtes Clavisso; Nascimento, D. C; Silva,R,A.

## **INTRODUÇÃO**

O envelhecimento populacional é uma realidade crescente em diversos países, especialmente no Brasil, onde se observa um aumento da expectativa de vida e uma transição demográfica acelerada. Dentro desse panorama, destaca-se um grupo frequentemente negligenciado: a população LGBTQIA+ idosa. Em contraposição à violência que atinge pessoas desta população, sendo o país com o maior índice de mortes, estima-se que milhões de pessoas LGBTQIA+ estejam envelhecendo com desafios únicos decorrentes de uma vida marcada por exclusões sociais, familiares e institucionais.

Este fenômeno revela desigualdades profundas entre diferentes grupos sociais, sendo a população transgênero um dos mais afetados. Estudos apontam que a expectativa média de vida de pessoas trans no Brasil gira em torno de 35 anos, um índice alarmantemente inferior ao da população geral, cuja média ultrapassa os 70 anos (ANTRA, 2023). No entanto, quando conseguem superar essa expectativa necessitam de acesso à saúde de forma a realmente compreender e atender essas necessidades.

Essa disparidade brutal reflete não apenas lacunas no acesso à saúde, mas também uma interseccionalidade de opressões, como a cis heteronormatividade, a transfobia, o racismo e a pobreza, que culminam em uma sobrecarga de vulnerabilidades ao longo da vida.

O envelhecimento populacional representa um dos maiores desafios e transformações demográficas globais do século XXI. No Brasil, essa realidade é particularmente acentuada, com projeções indicando um rápido aumento da proporção de idosos e uma elevação contínua da expectativa de vida (IBGE, 2021).

Dentro desse cenário, emerge a necessidade premente de direcionar um olhar atento a grupos que, historicamente, foram negligenciados e marginalizados, como a população LGBTQIA+ idosa. Isto traz à tona questões específicas de saúde e bem-estar que historicamente foram negligenciadas nos sistemas de atenção à saúde. À medida que mais pessoas LGBTQIA+ envelhecem, torna-se urgente compreender como suas experiências de vida, marcadas por estigma, discriminação e invisibilidade, afetam a qualidade e o acesso aos cuidados médicos em idade avançada. À medida que mais pessoas LGBTQIA+ alcançam idades avançadas, torna-se urgente compreender como suas experiências de vida, perpassadas por estigma, discriminação e invisibilidade (Meyer, 2003; Herek, 2007).

Estudos indicam que pessoas LGBTQIA+ idosas enfrentam maior risco de isolamento social, ausência de redes familiares tradicionais e barreiras

institucionais no acesso a serviços de saúde sensíveis às suas necessidades. Muitas vezes, evitam procurar ajuda médica por medo de discriminação, com consequências diretas no diagnóstico e tratamento de condições crônicas comuns na velhice, como doenças cardiovasculares, depressão, demência, câncer e HIV/AIDS, esta última com alta prevalência histórica em parte da comunidade.

Além disso, há uma escassez de profissionais da saúde capacitados para lidar com as especificidades desse público. Os protocolos de saúde, em geral, são pouco inclusivos e a escassez de políticas públicas voltadas ao envelhecimento LGBTQIAPN+ compromete a equidade no cuidado. Isso inclui desde o respeito à identidade de gênero e orientação sexual até o reconhecimento de casais e estruturas familiares não heteronormativos nas decisões sobre saúde e cuidado.

Historicamente, pessoas trans enfrentam múltiplas formas de exclusão: social, econômica, institucional e, principalmente, no campo da saúde. A ausência de políticas públicas específicas para o acompanhamento da população trans idosa agrava as condições de vida deste grupo, resultando em abandono institucional, dificuldades de acesso à saúde e invisibilidade estatística.

Pesquisas recentes, como o projeto Traviarcas (ANTRA, 2024), têm evidenciado as dificuldades vividas por pessoas trans com mais de 45 anos, incluindo a precariedade no acesso a serviços básicos, vulnerabilidade socioeconômica e a falta de suporte social para o envelhecimento saudável.

Correlacionar o envelhecimento com os cuidados em saúde nessa população exige uma abordagem interseccional e humanizada. Políticas públicas voltadas para o envelhecimento devem incluir recortes de orientação sexual e identidade de gênero, raça e idade, considerando que as vulnerabilidades acumuladas ao longo da vida impactam diretamente na saúde física e mental.

Portanto, garantir um envelhecimento digno e saudável à população LGBTQIAPN+ passa necessariamente por promover a inclusão, combater o preconceito institucional e capacitar profissionais e serviços para oferecer atendimento adequado, respeitoso e acessível. Os profissionais de saúde devem estar sensibilizados e capacitados para acolher, vincular e acompanhar essa população oferecendo acesso sem discriminação e com atenção voltada a necessidade de saúde apresentadas no seu processo de envelhecimento.

Neste contexto, a capacitação dos profissionais de saúde voltados à população LGBTQIA+ se faz não apenas necessária, mas urgente, buscando incorporar múltiplos aspectos relacionados ao cuidado em saúde desta população e a gama de marcadores sociais que podem impactar no processo saúde-doença. Este estudo se justifica pela necessidade de compreender e intervir nas iniquidades em saúde que afetam a população LGBTQIA+ idosa, oferecendo subsídios para a construção de práticas de cuidado mais inclusivas e equitativas na APS.

## **OBJETIVOS**

O objetivo deste relato é apresentar como se deu a promoção da capacitação das equipes de Atenção primária à Saúde de uma autogestão, para os processos de cuidado em saúde adequado à população LGBTQIA +, incluindo o olhar da longitudinalidade e integralidade, respeito à diversidade e as interseccionalidades, priorizando os temas relacionados a hormonioterapia e a saúde mental e a utilização de tecnologias leves.

## **MÉTODOS**

Trata-se da continuidade de um projeto de capacitação iniciado em 2024 em unidades de saúde prestadoras de serviço de autogestão. O projeto em tela contou com o letramento das equipes, pelo Núcleo de Atenção à Saúde, onde foram abordados os temas relacionados à sexualidade, gênero, diversidade, equidade, inclusão, e a importância da utilização de tecnologias leves em saúde.

Para o sequenciamento da capacitação, definiu-se a seleção de grupos de profissionais de saúde que serão referência para o atendimento da população divididos por 02 temas principais, focados especialmente na população trans, a hormonioterapia e a saúde mental da população LGBTQIA+. As sessões clínicas são coordenadas por um médico, o grupo da hormonioterapia, e por uma psicóloga, o grupo de saúde mental.

Cada sessão consiste em estudo de caso específico que já está em acompanhamento por alguns dos profissionais, todos os aspectos do caso são abordados buscando o melhor encaminhamento, observando as interseccionalidades do caso, definindo conduta com referências consistentes para o cuidado. E ainda é verificado se os processos de trabalho estão condizentes com as necessidades da população

## **RESULTADOS**

Dentre os principais resultados do trabalho até o momento, destacam-se: a realização de 10 sessões clínicas sobre o tema da hormonioterapia realizadas, com a participação de aproximadamente 20 profissionais de saúde, entre eles médicos de família, endocrinologista, farmacêutica e psiquiatra. Nessas sessões são discutidos os casos em acompanhamento.

Nas sessões clínicas de saúde mental temos 25 psicólogos e assistentes sociais, até o momento 02 encontros realizados com a previsão de término em agosto.

Das sessões clínicas alguns produtos destacam-se como produção do grupo: a inserção de hormônios para aplicação na unidade de atendimento da APS, e matriciamento de casos complexos.

Os resultados preliminares deste trabalho demonstram um avanço substancial na qualificação do cuidado. No que tange à hormonioterapia, foram completadas

10 sessões clínicas com aproximadamente 20 profissionais, aprimorando a discussão e o manejo de casos.

Para a saúde mental, encontros iniciais com 25 profissionais (psicólogos e assistentes sociais) já foram realizados, fortalecendo a abordagem a questões psicossociais. Essas capacitações resultaram em ganhos práticos notáveis, como a disponibilização de hormônios para aplicação direta nas unidades de APS, otimizando o acesso ao tratamento, e o estabelecimento de um sistema de matriciamento para casos complexos, que assegura um suporte especializado e contínuo para as equipes e participantes, facilitando o acesso ao tratamento, e a formalização do matriciamento de casos complexos, promovendo um suporte mais qualificado às equipes.

## **CONCLUSÃO**

As tecnologias leves, no campo da saúde, são aquelas que se baseiam nas relações humanas e nos processos de comunicação, escuta, acolhimento, vínculo e construção de sentido compartilhado entre profissionais e usuários. Diferentemente das tecnologias duras (como equipamentos, aparelhos e estruturas físicas) ou leves-duras (como protocolos e saberes técnicos), as tecnologias leves são fundamentais para a produção de cuidado centrado na pessoa, pois colocam em primeiro plano a singularidade do sujeito, seus afetos, histórias, crenças e contextos de vida. No cuidado à população idosa LGBTQIAPN+, essas tecnologias se mostram ainda mais potentes, pois rompem com práticas padronizadas e excludentes, permitindo o reconhecimento da identidade de gênero, da orientação sexual e das trajetórias de vida como dimensões legítimas do cuidado. A escuta empática, o acolhimento sem julgamento e o respeito às escolhas e vivências dessa população tornam-se, assim, ferramentas centrais para a humanização e a qualificação do cuidado em saúde.

A correlação entre tecnologias leves em saúde e a capacitação profissional evidencia a centralidade das relações humanas na construção de um cuidado qualificado e inclusivo para a população LGBTQIA+, especialmente para pessoas trans.

A escuta sensível, o acolhimento, o respeito à identidade de gênero e o vínculo terapêutico são elementos indispensáveis à promoção da equidade em saúde. No entanto, sua efetivação depende diretamente de processos contínuos de formação e sensibilização das equipes de saúde, que permitam desconstruir práticas normativas, preconceituosas e excludentes.

Investir em tecnologias relacionais e em capacitação crítica dos profissionais é, portanto, um caminho estratégico para garantir o acesso universal e humanizado, além de contribuir para a redução das iniquidades históricas vivenciadas por essa população no campo da saúde.

Os "Caminhos para o Cuidado" explorados neste projeto de capacitação evidenciam que a promoção de um envelhecimento digno e saudável para a população LGBTQIA+ depende, fundamentalmente, da qualificação e

sensibilização dos profissionais de saúde na Atenção Primária. Os objetivos de capacitação das equipes foram significativamente alcançados, com a implementação de sessões clínicas focadas em hormonioterapia e saúde mental, que priorizam uma abordagem longitudinal, integral, diversa e interseccional do cuidado.

A correlação intrínseca entre as tecnologias leves em saúde e a capacitação profissional demonstrou a centralidade das relações humanas na construção de um cuidado qualificado e inclusivo, especialmente para pessoas trans. A escuta sensível, o acolhimento sem julgamento, o respeito à identidade de gênero e o vínculo terapêutico são elementos indispensáveis para a promoção da equidade em saúde. Sua efetivação, contudo, é diretamente proporcional aos processos contínuos de formação e sensibilização das equipes de saúde, que são cruciais para desconstruir práticas normativas, preconceituosas e excludentes.

Os resultados alcançados, como a inserção de hormônios para aplicação na APS e o fortalecimento do matriciamento de casos complexos, são exemplos concretos de como a capacitação pode gerar melhorias diretas no acesso e na qualidade do cuidado. Assim, investir em tecnologias relacionais e em uma formação crítica dos profissionais é, inquestionavelmente, um caminho estratégico para promover o acesso universal e humanizado, contribuindo decisivamente para a redução das iniquidades históricas vivenciadas pela população LGBTQIA+ no campo da saúde.

Este estudo, portanto, representa uma contribuição valiosa para a construção de modelos de cuidado mais equitativos e humanizados. Recomenda-se que futuras pesquisas explorem o impacto direto dessas capacitações na experiência dos usuários, por meio de indicadores de satisfação e desfechos de saúde, e avaliem a replicabilidade da metodologia em outros contextos da APS